

EST 106

CADERNOS DO IL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Nº1 DEZEMBRO 1989

ORTIZ, Elsa Maria Nitsche

ORAÇÕES RELATIVAS EM LÍNGUA PORTUGUESA:

APLICAÇÃO DOS MODELOS DE KEENAN E COMRIE E DE GIVÓN

Toda e qualquer língua possui uma parte substancial de sua estrutura que não é aprendida, mas determinada por uma organização lingüística inata do ser humano. Essa organização especifica estruturas de uma gramática, as regras que deverá conter, os tipos de elementos e as possíveis interrelações entre eles. Infere, também, as muitas similaridades fundamentais que se manifestam em todos os idiomas - os universais lingüísticos -, que explicariam essa faculdade inata do indivíduo.

A Gramática Transformacional tem revelado a existência de muitos universais nas estruturas sintáticas, pois há certos processos sintáticos que se observam em todas as línguas já descritas. A relativização parece ser um desses universais sintáticos.

Em Língua Portuguesa, como de resto em várias outras línguas, o uso de relativas constitui fenômeno de importância, que por sua freqüência no idioma, quer pela variedade de aspectos semânticos que internaliza. Isso objetivou a realização de diversas análises nas mais diversas línguas.

1 - Classificação de Keenan e Comrie

Em 1972, Keenan e Comrie propõem a existência de uma hierarquia universal de acessibilidade para relativização. Noções tradicionais da gramática ressurgem: Sujeito (SU), Objeto Direto (OD), Objeto Indireto (OI) e Oblíquo (OBL). Tais noções são reescritas:

$SU \geq OD \geq OI \geq OBL$

onde \geq significa maior do que ou igual a em acessibilidade.

Em 1977, os mesmos autores apresentam a versão ampliada de sua teoria, mostrando que as orações relativas em muitas, ou quem sabe em todas as línguas, estão sujeitas a diversas restrições diretamente referentes à Hierarquia de Acessibilidade das locuções nominais (LN's), que foram examinadas quanto à acessibilidade

Maestra em Língua Portuguesa (UFRGS)

Prof. Assistente, Depto. de Línguas Modernas (IL - UFRGS)

de de relativização. Foi então observado que se poderia agrupar as diferentes funções das LN's de acordo com tal aceitação, formando, assim, uma verdadeira "cadeia hierárquica". Estes autores estudaram quarenta e nove línguas (entre as quais não se inclui a Língua Portuguesa) e chegaram à conclusão de que, em tais línguas, as categorias de SU, OD, OI e OBL são relevantes. Em outro artigo, ainda em 1977 e agora já com a parceria de Gary, novas noções são incorporadas: a de Genitivo (GEN) e a de Objeto de Comparação (OCOMP). Temos então, a seguinte reescrita:

a) $SU \cong OD \cong OI \cong OBL \cong GEN \cong OCOMP$

b) Se $X \cong Y$ e $Y \cong Z$, então $X \cong Z$.

Se uma posição na hierarquia permitir a relativização em alguma língua, toda e qualquer posição à sua esquerda também permitirá a relativização nesta língua. Exemplificando, se um determinado idioma aceita a relativização em OI, aceitará também a relativização para objeto direto e para sujeito.

Sentiu-se então, a necessidade de se estabelecerem restrições hierárquicas - (HC):

HC₁: "Uma língua deve ser capaz de relativizar sujeitos."

HC₂: "Qualquer estratégia de formação de orações relativas deve aplicar-se a um segmento contínuo da Hierarquia de Acessibilidade."

HC₃: "Estratégias que se aplicam a um determinado ponto da Hierarquia de Acessibilidade podem, em princípio, cessar de aplicar-se em um ponto mais baixo do segmento contínuo."

Visando permitir ao falante redescobrir o caso da locução nominal (LN) relativizada, foram estabelecidos dois parâmetros independentes e, a partir destes, as estratégias que darão origem às orações relativas. O primeiro parâmetro é a posição da LN-cabeça, em relação à oração relativa. O segundo é a presença ou a ausência de um morfema (preposição ou algum tipo de pronome) indicativo da posição da LN que foi relativizada.

Quatro são as estratégias que permitirão ao falante/ouvinte recuperar o caso da LN relativizada: 1) Prê-nome (- caso); 2) Prê-nome (+ caso); 3) Pós-nome (- caso); 4) Pós-nome (+ caso).

A oração relativa colocada em posição pré-nominal, isto é, antecedendo à LN-cabeça, não é usada em português.

O português exemplificará a estratégia Pós-nominal (- caso).

1) A MENINA (que eu vi ontem)

Não encontramos no processo sintático de relativização em (1) um morfema que permita recuperar a função da LN-cabeça, mas a inexistência de tal elemento não nos impede a fácil recuperação da LN - no caso, objeto direto de ver.

A estratégia Pós-nome (+ caso) é subdividida em três variantes, em que o caso da LN relativizada é determinado por morfemas diferentes: (a) por uma preposição que confere à LN a função de OI; (b) por um pronome relativo indicativo de gênero e da posição de SU; e (c) por um pronome anafórico OD.

Em português, a opção (a) é empregada preferencialmente. O morfema indicativo da posição da LN é anteposto ao vínculo que introduz a cláusula relativa:

(2) A menina para quem comprei flores sorriu.

(3) A obra de que te falei foi pintada por Portinari em 1944.

Os pronomes relativos usados em (2) e (3) foram escolhidos em virtude de possuírem traços semânticos distintos. Em (2), quem engloba a noção de (+ humano); (3) apresenta o relativo que, sempre semanticamente vazio.

(3b) A obra da qual te falei foi pintada por Portinari em 1944.

Em (3b), qual, ao aceitar o determinante a, adquire o traço (+ feminino). Poderá assimilar (+ masculino) em frases como:

(4) O menino no qual esbarrei revidou a agressão.

O traço (+ plural) é aceito em consonância com (+ masculino) como com (+ feminino):

(5) Muitos dos pesticidas com os quais lidamos são prejudiciais à saúde.

(6) Assistimos a diversas manifestações das quais discordamos.

Mas (5) e (6) terão em (5b) e (6b), respectivamente, suas realizações de maior uso:

(5b) Muitos dos pesticidas com que lidamos são prejudiciais à saúde.

(6b) Assistimos a diversas manifestações de que discordamos.

Poder-se-ia afirmar que a Língua Portuguesa está eliminando os traços distintivos de gênero e de número, conservando, não obstante, a preposição indicativa da posição hierárquica. A distinção entre (+ hum) e (- hum) está sendo mantida, como podemos observar

muito bem na realização mais comum de (4):

(4b) O menino em quem esbarrei revidou a agressão.

Mantêm-se os traços distintivos de gênero e de número para solucionar problemas de ambigüidade:

(7) ? Comprei uma saia de panos que era preciso cortar.

A compreensão de (7) está prejudicada, pois não sabemos se o pronome que está se referindo ao antecedente saia ou panos. O emprego de qual, com a distinção estabelecida pelo determinante, esclarece o antecedente. Assim sendo, (7) apresentará:

(7b) Comprei uma saia de panos a qual era preciso cortar.

Ou:

(7c) Comprei uma saia de panos os quais era preciso cortar.

A opção (b) em Keenan e Comrie apresenta, ainda, além de (+ fem.) e (+ sing.), o traço (+ SU) no próprio pronome relativo. O português não possui pronomes relativos que por si próprios indiquem todas as posições da hierarquia gramatical. Somente as posições inferiores encerram esse traço.

(8) Oh! O silêncio das salas de espera

Onde esses pobres guarda-chuvas lentamente escorrem...

(Quintana. 1978, p. 18.)

(9) ...esses quadrados lívidos,

De onde figuram os retratos

(Idem, ibidem.)

(10) Esta vida é uma estranha hospedaria,

De onde se parte quase sempre às tontas...

(Idem. 1978, p. 43.)

(11) A súbita, a dolorosa alegria de um espantinho inútil

Aonde viessem pousar os passarinhos!

(Idem. 1978, p. 19.)

O relativo onde, em função OBL, engloba o traço semântico (+ lugar).

(9), (10) e (11) obrigam-nos a ousar propor uma nova opção para a estratégia pós-nominal (+ caso). É praticamente uma reunião de (a) e (b), pois que tais exemplos, além de possuírem a preposição que confere à LN a função hierárquica, têm ainda o pronome relativo reforçando a indicação funcional. Em (9) e (10), a preposição de faz-nos aceitar a opção (a) de Keenan e Comrie, e o pronome relativo onde, a opção (b). (11) é ainda mais rica: a preposição a foi assimilada pelo pronome relativo, formando-se uma nova palavra - aonde.

Desempenho semelhante nota-se no pronome relativo cujo , que contém o sema (+ posse).

- (12) O seu cachimbo de porcelana, em cujo forno se via um Cupido de pernas trançadas, tocando flauta, foi encontrado à beira-rio.

(Quintana. 1978, p. 33.)

Esse relativo jamais ligará duas LN's idênticas. A LN-cabeça é sempre o possuidor, no caso, cachimbo; a LN que vem depois de cujo é o elemento possuído, forno. Além de encerrar a noção (+ posse), conglomerará a de gênero e de número.

- (13) O mural, cujo autor é desconhecido, necessita ser reg taurado.
- (14) Palavras enclíticas são aquelas cujo acento se apóia na palavra anteposta.
- (15) A fuga, cuja estrutura de composição apresenta três seções, teve em Bach seu apogeu.
- (16) João Silveira, cujos filhos conheço, é o diretor da escola.
- (17) O diretor de nossa escola, a cujas ordens devemos obedecer, é inteligente e ponderado.

Exatamente por conter o traço semântico (+ gênero), não aceita que a LN que o suceda tenha um determinante:

- (18)* A polifonia medieval, em cujo o cerne estão as origens da fuga...
- (19)* A porta, cuja a fechadura foi arrombada,...

2 - A Classificação de Givón

Talmy Givón, em 1975, em sua obra Promotion, NP accessibility, and case marking: toward understanding grammars, propõe uma classificação das estratégias formadoras das orações relativas. Tal estudo, baseado nas estruturas de superfície, tem como objetivo primordial a funcionalidade - isto é: recuperar para o falante/ouvinte o caso da LN relativizada que pode não aparecer na superfície. Apresenta sete estratégias a saber:

- a) de Ordenação das Palavras;
- b) da Lacuna;
- c) do Pronome Relativo;
- d) do Pronome Anafórico;
- e) da Não-Redução;

- f) da Nominalização;
- g) da Codificação Verbal.

A Estratégia da Ordenação das Palavras é usada para recuperar a LN relativizada quando esta estiver faltando na oração que restringe. A posição da oração relativa tem tamanha importância, que Givón distingue nessa mesma estratégia as posições pré-nominal e pós-nominal. A posição pré-nominal, por ser muito importante para o autor, recebeu um tratamento especial: foi considerada uma nova estratégia - a da Lacuna.

(1) é o exemplo perfeito para a ordenação pós-nominal:

(1) A menina que eu vi ontem...

Embora a LN relativizada - a menina - não esteja presente na oração relativa, é fácil ao falante/ouvinte recuperá-la, sabendo que verbos como *ver* requerem um objeto direto para complementá-los em sua transitividade. A existência subjacente do objeto é inferida, haja ou não um Marcador de Relativa invariável, separando a LN-cabeça da oração relativa.

Tal estratégia parece-nos ser bastante comum nas posições superiores da Hierarquia de Acessibilidade das LN's, mas tende a desaparecer após a posição de OI. Nas línguas de terminação verbal como o português, esta estratégia mostra-se algumas vezes falha:

(20) O homem (que Maria atacou).

A oração relativa de (20) pode conter subjacentes:

(20b) Maria atacou o homem.

(20c) O homem atacou Maria.

A quebra da ambigüidade vai depender do contexto ou de aspectos semânticos que irão auxiliar na redescoberta do caso da LN relativizada.

A presente estratégia corresponde a duas estratégias na classificação de Keenan e Comrie. Quando a LN relativizada ocupar a posição de CBL, nos raros casos em que ela é usada, corresponderá a (+ caso), pois uma preposição marginal marcará a função dessa LN.

A Estratégia da Lacuna, por apresentar uma relativização pré-nominal, não é usada em Língua Portuguesa.

A Estratégia do Pronome Relativo, como o próprio nome sugere, prevê a existência de um pronome relativo, ou a combinação de um pronome relativo com uma preposição como o(s) único(s) morfema(s) de Codificação de Caso para a recuperação da LN relativizada. O pronome relativo, ao perder suas distinções inflexionais de ca-

so, pode-se tornar um Marcador de Relativa, do tipo Estratégia de Ordenação de Palavras. Foi o que aconteceu com o Latim quando de suas transformações nas línguas neo-latinas.

Corresponde, na classificação de Keenan e Comrie, ao tipo pós-nominal (+ caso), opção (b). Corresponde, também, à nova opção por nós apresentada.

(9)...esses quadros lívidos,

De onde fugiram os retratos...

(12) O seu cachimbo de porcelana, em cujo forno se via...

A Estratégia do Pronome Anafórico é aquela que envolve orações relativas que contenham um pronome anafórico co-referencial à LN relativizada. Givón também distingue aqui a posição da oração relativa - pré-nominal e pós-nominal. Corresponde às estratégias (- caso) e (+ caso) opção (c), na classificação de K. e C. e não é usada pelo idioma português.

A Estratégia da Não-Redução, não usada em Língua Portuguesa, é aquela em que a LN, ao ser relativizada, aparece reduzida na própria oração relativa, tendo ou não referência cruzada com a LN-cabeça.

A Estratégia de Nominalização é uma variante da Ordenação Pré-nominal das Palavras. A única diferença distintiva da estrutura de superfície parece ser que o SU da oração relativa é marcado fonologicamente pelo caso genitivo. Também não é usada em Português, por ser pré-nominal.

A Estratégia da Codificação Verbal é que faz uso das indicações que a própria morfologia do verbo oferece. Morfologicamente, o verbo indicaria o caso subjacente da LN, embora, aparentemente, a LN esteja em um caso completamente diverso quando da formação da oração relativa.

(21) O livro que foi lido por João...

Antes da transformação da ativa para a passiva, a LN - o livro - ocupava a posição da OD, como em (21b):

(21b) João leu o livro.

Depois a apassivação e exatamente quando da relativização, a LN relativizada funciona como SU.

Ao analisarmos a Relativização, devemos concluir que a Língua Portuguesa, por fazer parte da Comunidade Linguística Universal, seleciona, entre as estratégias apresentadas, o seu modus operandi. Se optarmos pela classificação de Keenan e Comrie, afirmaremos que o Português emprega as estratégias pós-nome (- caso)

nas posições superiores da Hierarquia de Acessibilidade, e (+ caso) nas posições inferiores. Deve-se, entretanto, salientar que é bastante grande a tendência de se substituir (+ caso) por (- caso) nas posições inferiores.

Se a Classificação de Givón for a eleita, poderemos facilmente provar que as estratégias selecionadas são as da Ordenação das Palavras, do Pronome Relativo e da Codificação Verbal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GIVÓN, Talmy. Promotion, NP accessibility, and case marking: toward understanding grammars. Working papers os Language Universals. Stanford University, 1975.
- KEENAN, Edward & COMRIE, Bernard. Noun phrase accessibility and universal grammar. In *LI*, 8: 63-99, 1977.
- OTIZ, Elsa M. N. A Relativização: levantamento de modelos. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 1981. (mimeo)
- QUINTANA, Mário. Prosa e Verso; compilação do autor. Porto Alegre, Globo, 1978.